



Anuário Antropológico

v.48 n.3 | 2023

2023/v.48 n.3

Acselrad, Maria. 2022. *Avança Caboclo!: A dança contra o Estado dos caboclinhos de Pernambuco*. Recife: Editora da UFPE. 191 p.

Noshua Amoras de Moraes e Silva



Edição eletrônica

URL: <http://journals.openedition.org/aa/11458>

DOI: 10.4000/aa.11458

ISSN: 2357-738X

Editora

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UnB)

Referência eletrônica

Noshua Amoras de Moraes e Silva, «Acselrad, Maria. 2022. *Avança Caboclo!: A dança contra o Estado dos caboclinhos de Pernambuco*. Recife: Editora da UFPE. 191 p.», *Anuário Antropológico* [Online], v.48 n.3 | 2023. URL: <http://journals.openedition.org/aa/11458> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.11458>



Anuário Antropológico is licensed under a Creative Commons. Atribuição-SemDerivações-SemDerivados
CC BY-NC-ND



Resenhas

v. 48 • nº 3 • setembro-dezembro • 2023.3

Acselrad, Maria. 2022. *Avança Caboclo!: A dança contra o Estado dos caboclinhos de Pernambuco*. Recife: Editora da UFPE. 191 p.

DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.11458>

Noshua Amoras de Morais e Silva

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro/RJ/Brasil

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre pela mesma instituição, e graduada pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Tem experiência de pesquisa sobre cultura popular na Zona da Mata Norte/PE e religiões de matriz africana e afroindígena em Recife/PE.

ORCID: 0000-0003-2955-9230

noshua.amoras@gmail.com

Noshua Amoras de Morais e Silva

O livro de Maria Acselrad *Avança Caboclo!: A dança contra o Estado dos caboclinhos de Pernambuco*, de 2022, consiste em um importante registro etnográfico sobre essa tradição. O trabalho é derivado de sua tese de doutorado, sendo também uma espécie de continuidade de pesquisa anterior de mestrado sobre as brincadeiras populares na região. Assim, esse livro tem grande relevância na contribuição de dados etnográficos e elaborações teóricas a respeito do complexo de vida – e de guerra – das brincadeiras da Zona da Mata Norte de Pernambuco, trazendo questões inovadoras para a antropologia, seja na área da dança, das artes, ou da chamada cultura popular.

Avança Caboclo está dividido em cinco capítulos cujo objetivo é trazer uma etnografia sobre a dança dos caboclinhos de Goiana, Pernambuco. Não obstante, falar de dança entre os caboclinhos é, necessariamente, falar de guerra. Assim, o livro revela aspectos estéticos, éticos e políticos dessa dança e de seu limiar com a guerra, interessando-se por sua “dimensão performativa” e naquilo que ela opera. Variando nos contextos apresentados no decorrer dos capítulos, sendo ora mais implícita ou explícita, a guerra dançada, sempre central na manutenção da existência dessa tradição ao longo do tempo, é uma que sempre “cria vínculos”, “tece relações” e “diversifica o meio” (Acselrad 2022, 137).

Cada contexto analisado é permeado por um tipo de tensão e por um modo de compor o movimento e os agenciamentos aos quais está atrelado. É possível perceber esse aspecto no próprio percurso teórico do livro, através de uma relação instável entre os dois campos de conhecimento apresentados – a dança e a antropologia – que ora se aproximam e se mesclam em elaborações compartilhadas, e ora se distanciam para que as questões etnográficas incidam sobre os conceitos da dança.

Para responder às questões levantadas, Acselrad aposta em um importante pressuposto teórico: a necessidade de fazer uma antropologia das forças em jogo na dança dos caboclinhos. Através disso, e em uma abordagem etnocoreológica centrada em dispositivos coreográficos e descrocoreográficos, ela busca fugir das formas, sejam as dos passos dançados, das classificações e morfologias atribuídas a essa tradição, das perseguições a possíveis gêneses da brincadeira. Significa, sobretudo, deslocar o olhar daquilo que se consegue ver dançando para aquilo que não é visto no ato de dançar – percebendo os aspectos intangíveis desses movimentos, atentando tanto à estética quanto à ética dos mesmos.

Logo no capítulo de abertura, com essa noção de força, a autora se desfaz de alguns dos entraves encontrados nos trabalhos sobre as chamadas brincadeiras ou danças populares, quais sejam: o ideário da origem atribuída a elementos destacáveis dessas tradições, e o desejo de desvelar uma explicação “verdadeira” para alegorias e imaginários performados por coletivos. Nesse sentido, ao fazer um panorama sobre as danças tradicionais e populares em interface com a guerra, ela contextualiza o caboclinho como mais uma das expressões nas Américas onde encontra-se “uma presença indígena”, e indica uma vasta e complexa possibilidade de abordagem sobre o tema (*id.*, 43).

Em seguida, em busca de uma abordagem etnocoreológica, Acselrad apro-

funda na descrição dos principais traços e elementos que caracterizam os caboclinhos, apresentando o bairro de Nova Goiana, a organização em grupos e suas lideranças, passos e padrões de movimentação, e universo musical. Diante disso, são apresentadas as relações entre os grupos, suas histórias de surgimento e, principalmente, sua socialidade. Os grupos de caboclinho, reunidos em um mesmo bairro e partilhando de um conjunto de integrantes que se sobrepõem, de pessoas que circulam e de núcleos familiares que são adversários, vivem entre intensos conflitos e processos de parcerias que são conjugados – ainda que nunca de maneira estável, sendo esta uma disposição que, mantida dessa forma, é, em grande parte, a garantia da continuidade do caboclinho.

Não obstante a rivalidade e os processos de divergência e diferenciação que marcam os caboclinhos, Acselrad destaca como certos contextos evocam outras disposições e formas de organização e relação entre os grupos. Um deles é o vínculo entre esse gênero de agremiação carnavalesca com o Estado – sobretudo com o carnaval organizado pelos órgãos culturais. As análises sobre os efeitos da atuação do Estado em relação às agremiações carnavalescas no Brasil vêm demonstrando como as políticas carnavalescas assumem uma homogeneização e institucionalização dessas manifestações. A autora demonstra como esse mesmo mecanismo pode ser encontrado em relação aos caboclinhos, quando é estendido a eles uma política de pacificação e ordenamento de diversas ordens.

Como anunciado no título, este é um dos assuntos mais caros ao livro, não porque a autora demonstra um interesse estrito no funcionamento institucional do carnaval, nem unicamente pela negligência com a qual são tratadas as agremiações, mas sobretudo pelo foco na perspectiva dos caboclinhos sobre essa relação, ou ainda, pela forma como essa relação incide na dança/guerra. Assim, a questão central desse vínculo é: frente a essa disposição normativa, como os caboclinhos permanecem tecendo guerras, para eventualmente “confrontar-se, inclusive, contra o Estado?” (*id.*, 199). A permanência dessa guerra passa por atos mais deliberados, como a manutenção de traços diacríticos ameaçados em contraponto às normatizações estabelecidas, mas também pela acentuação de certos conflitos e rivalidades pré-existentes através do concurso de agremiações, motivando as estruturas de socialização inerentes às guerras e trocas. De acordo com o argumento de Acselrad, no caso dos caboclinhos, o que mais importa é a garantia da autonomia de seus movimentos e relações. Como resultado, a própria natureza da dança dos caboclinhos implica em uma movimentação que agrega dinâmicas opostas e até mesmo antagônicas e, como resultado, rejeita e afasta, do fim ao cabo, as possibilidades de sua normatização.

Conforme anunciado em diversas partes do livro, para observar a força da dança do caboclinho em uma chave etnocoreológica, é necessário atentar para o que não está imediatamente perceptível através da observação dos movimentos corporais e, ainda, para os aspectos “contracoreográficos” e “descoreográficos” do movimento, “isto é, daquilo que escapa, articulando o visível com o invisível, por meio do imprevisível” (*id.*, p. 208). Nessa esteira, o que está no cerne dessas forças de anticaptura e imprevisibilidade, é a jurema, modalidade religiosa presente nos

Noshua Amoras de Morais e Silva

terreiros de Pernambuco e que possui uma relação singular com os caboclinhos. É ela quem escapa, com maior força, do ato imediato e visível da dança.

No quarto capítulo do livro, Acselrad esmiúça a relação entre os grupos de caboclinho e os caboclos cultuados nos terreiros de jurema, apresentando um quadro de relações entre caboclinhos (grupos) e caboclos (espirituais). Considerando as passagens entre o que se passa nos terreiros e nas brincadeiras, a autora afirma que “[o] caboclinho é, de algum modo, a jurema na rua” (*id.*, 255) e que o vínculo entre eles adiciona à brincadeira “uma guerra que se dá no plano do invisível” (*id.*, 211), sendo ainda, e antes de tudo, uma fonte de força. Nesse sentido, mostra-se como as guerras entre caboclos e os caboclinhos partilham de uma fronteira tênue, ora se confundindo, quando eles travam a mesma guerra, ora sendo motivo de tensionamento, quando as entidades espirituais invadem os limites humanos, expressando mais um momento em que forças de oposição são colocadas em contato por meio da dança.

Para dar conta de uma etnografia das forças da dança dos caboclinhos, Acselrad defende a efetuação de uma outra disposição metodológica: uma antropologia da dança, que dance. Sem advogar por uma escolha metodológica privilegiada em detrimento de outras, ela afirma se tratar de um esforço em acessar aquilo que traduziu como a guerra invisível dos caboclinhos. Nessa chave, é possível sublinhar que apesar do caboclinho ser algo que se dança, ele também é visto, observado, apreciado, escutado, sentido. Uma nota de rodapé chama atenção para a existência de um olhar específico entre os envolvidos na brincadeira: ele costuma ser oblíquo, discreto, longínquo, observa-se um grupo oponente dançar com o “rabo de olho” (*id.*, p. 129). Esse olhar, tanto quanto a dança vigorosa, também produz efeitos. Assim, se a escolha de dançar para pensar a dança, proposta por Acselrad, pode dar a ver forças menos tangíveis, mas muito centrais, da dança dos caboclinhos, o livro nos faz imaginar que há outras forças na guerra dançada, ainda a serem apreendidas por meio das demais experiências sensoriais envolvidas no trabalho de campo.

Recebido em 11/04/2023.

Aprovado para publicação em 08/08/2023 pelo editor Luis Cayón (<https://orcid.org/0000-0001-6282-8282>).